

Via a terra enverdecida
Estuando de forga e vida,
As seivas mysteriosas,
No seio dos vegetaes
E as ancias cariciosas
Das almas dos animaes.

E sobretudo, inda via,
A sacrosanta harmonia
Do coração soffredor,
Que não tendo amor, nem luz,
Tem thesouros de esplendor
No amor terno de Jesus.

Francisco de Assis, então,
Submerso o coração
Em sublimes alegrias,
Entregou-se às harmonias
Vibrantes da natureza,
Tornou-se o amparo da dor
E guiado pelo amor
Fez-se o Esposo da Pobreza.

AS LAGRIMAS



JOÃO DE DEUS

Nascido em S. Bartholomeu de Messines, Portugal e desincarnado em 1896, affirmouse um dos maiores lyricos da lingua portugueza. E' tambem conhecido no Brasil quanto em seu bello paiz. Nesta poesia palpita, de modo inconfundivel, a suavidade e o rythmo da sua lyra.

Desci um dia
Ao sorvedouro
Da atra agonia
Da humanidade,
A procurar
A preserutar
Qual a verdade,
Qual o thesouro
O mais profundo
Que neste mundo
O homem prendesse
E o retivesse.

E vi então
No coração
Da creatura
Só a illusão
De uma ventura.

Eu vi senhores
Que dominavam
E se orgulhavam
Do seu poder;
Sempre a abater
Os desgraçados,

Os potentados,
Com seus valores,
Bem se julgavam
Omnipotentes,
Heroes valentes,
Cá nesta vida...
Depois, porém,
Reconheceram
E viram bem
Nesta existencia
Toda a impotencia
Do deus-milhão,
Perante a mão
Da fria dor,
Que lhes domava
E lhes dobrava
O torpe egoismo.

Busquei os lares,
Ricos solares
Dos protegidos,
Onde o conforto
Para a materia,
Anda em contraste
Com atroz miseria
Dos desvalidos.
E ainda ahí
Não pude achar
O que ali
Fui procurar.

Eu vi mulheres
Nos seus prazeres,
Jovens e bellas,
Alvas estrellas
De formósura,

Rindo e cantando
Dentro da noite
Da desventura.
Pobres donzellas,
Fanadas flores,
Luz sem fulgores,
Que miseraveis,
Párias da vida,
Deixam o tecto
Do lar affecto
Maior, supremo,
Insuperavel,
Somente encontram
Dores que afrontam
Magna insanavel,
Incomprehendida!

E penetrei
Pelos castellos
Dourados, bellos,
Das diversões,
Onde se aninha
E se amesquinha
A multidão
Que busca rir,
Gosar, sorrir,
A ver se esquece
O que padece,
Julgando erer
Que o que está a ver
E' o paraíso.
Mas este riso,
Ao som da festa,
A' meia luz,
E' o que produz
Todo o amargor,

A maior dor,
Pois eu ali
Tristonho vi
O que é, em verdade,
A sociedade;
Só pensamentos,
Das impurezas,
Só sentimentos
Que trazem presas,
Aniquiladas
E esmagadas,
Ensandecidas
As creaturas,
Outrora puras,
Bellas outrora,
No emtanto agora,
Flores perdidas,
Almas impuras
Desilludidas.
Nesse recinto
Eu vi então,
A trahição
A iniquidade,
A grosseria,
Toda a maldade
Da hipocrisia;
E tudo enfim,
Tristonho assim,
Dissimulado,
Falsificado,
No fingimento
Que apparecia
No barulhento
Rumor de vozes,
Notas atrozes,
De uma alegria,

Jamais sentida,
Desconhecida
Naquelle meio.

Eu contemplei-o
Cheio de horror
E vi que as flores,
As pedrarias
Tão luminosas
Eram sombrias
Eram trevosas
Pois só cobriam
Miseros tapos,
Pobres farrapos
De almas perjuras
Ao seu Creador,
Fracas creaturas,
Baldas de amor.
E, condoído,
Desilludido,
Desanimado,
Num forte brado
Disse ao Senhor: —

“Omnipotente
Pae de Bondade,
O' tem piedade
Dos filhos teus
Que choram, gemem,
Pallidos tremem
O' Senhor Deus!
Faze que a luz
Do bom Jesus,
Penetre a alma
Na Terra afflicta
Dando-lhe calma

Que necessita.
Só conheci
E encontrei
Só contemplei
O mal que vi."

Mas uma voz
Do Azul do Ceu
Prompta e veloz
Me respondeu: —

"Filho bemdito
Do meu amor.
Sou teu Senhor
E no Infinito
Tudo o que fiz.
Nada se perde
Assim tornando
O ser feliz;
Contempla ainda
A Terra linda
E então verás,
Donde provem
A grande paz,
O summo bem.
O gran-thesouro
Mais fino ouro
Dos filhos meus,
Está na luta,
Nos prantos seus
Que lhes transforma
A alma polluta
Num ser radioso,
Astro formoso
De pura luz!"

Eu ajoelhei
E contemplei
As multidões,
Atropeladas
Desenganadas
Nas perdições.
Vi transformadas
Todas as scenas;
Em todos os seres,
Homens, mulheres,
Jovens, creanças,
Nas grandes penas
Nas esperanças,
Por entre luz,
Por entre flores
Brotar a flux
No coração
De cada ser.
Em profusão
Gottas pequenas,
Como as brilhantes
Luzes serenas
Das madrugadas
Primaveris.

Reconheci
Que por ahí
Na ingrata Terra,
Onde eu amei,
Sorri, chorei,
Onde soffri,
E onde eu vi
A dura guerra
A amarga dor,
Lagrimas bellas,
Gottas singelas,

Meigas, serenas,
Eram assucenas
De fino olor
Do espaço azul!

Depois eu vi
Que os que as vertiam
Por este mundo,
Valle profundo
De magua e dor,
Quando voltavam
Do seu exílio,
Eram sandados
Por mensageiros
De amor e luz
Do bom Jesus,
Que os coroavam
Com gemmas finas,
Jóias divinas
Do eserinio santo,
Primor de encanto
Do amor de Deus.
Fui então vendo,
Reconhecendo
Que aqui nos Ceus,
Lagrimas lindas
São transformadas,
Remodeladas,
Para formarem,
Bello diadema
E aureolarem

Os que as verteram
Ahi na Terra.

Eu vi, então,
Em profusão,
Gemmas brilhantes,
Alvinitentes,
Rieas, fulgentes
E deslumbrantes,
Que nem Ophiu
Jamais possuía.

Sejam bemditas,
As pequenitas
Gottas de pranto
Orvalho santo
Do amor divino
Que dá ventura,
Tranquillidade,
Felicidade
Ao peregrino.
Bemdito o Pae,
O Nosso Deus,
Que abraça o ai
Dos filhos seus;
Que a alegria
E a paz envia
A' humanidade
Tão soffredora,
Com a lagrima bella
Luzente estrellita
Consoladora.

Filhas que Deus me deu, vinde alegres, commigo,
 Vinde commigo ver a dor dos desgraçados,
 Que chorando se vão, sem patria e sem abrigo,
 Cheios de sanie e pús, com os corpos cancerados.

Aproveitemos pois, est' hora calma e mansa,
 Em que ha musicas no ar e olores nas estradas,
 Hora em que a Terra accorda num hausto de esperança
 Ebria de aroma e luz das flores orvalhadas,

Saudam o alvorecer as vozes das ovelhas,
 Perpassam colibris, chiltreia a passurada,
 Zumbem soffregamente as trefegas abelhas
 Compendo o hymno de sol de esplendida alvorada!

Partamos nós tambem por este mundo afóra
 Nutrindo o coração na fonte da esperança,
 Dando consolo á dôr, á treva a luz da aurora,
 A paz á guerra e á luta os lirios da bonança.

Conduzamos connosco a luz da Caridade,
 Offerecendo o Bem aos pobres pequeninos,
 Offertando com amor á toda a humanidade
 Esse pão divinal que é dos trigueiros divinos.

Espalhemos a Fé, a Caridade e a Crença,
 Tenhamos a noss'alma em delubros de luz,
 E acharemos no fim da romaria immensa,
 As venturas e a paz nos braços de Jesus!

O CEO

JOÃO DE DEUS.

Patria ditosa e linda, e onde o mal,
 Desapparece ao meigo olhar do Amor,
 Que entre os seres do Além, é sempre igual,
 O mesmo anseio santo e superior.

Lá não se vê traição e cada qual
 Urde ali, sua aureola d'esplendor,
 Doce Mansão de Paz, immaterial
 Onde impera a bondade do Senhor!

Porto de Salvação para quem erê,
 Nessa Praia do Azul, que se antevê,
 Pelo poder da Fé, na provação;

Paiz dos Ceus, aonde o peccador,
 Depois de bem soffrer ali a dor
 Vae ali encontrar Consolação.

MORRER

JOÃO DE DEUS.

Não mais a dor intensa e desmedida
No momento angustioso de morrer,
Nem o pranto pungente por se ver
Um ser amado em horas da partida...

A morte é um somno doce; basta crer
Na Paz do Céu, na Terra, appetecida,
Para se achar o Amor, a Luz e a Vida,
Onde ha tregua á tristeza e ao padecer.

Venturosa região do espaço Além,
Onde brilha a Verdade e onde o Bem
E' o fanal reluzente que conduz;

Mansão de claridade e pureza
Onde os bons que adoraram a Virtude,
Gozam do affecto extremo de Jesus.

AVES E ANJOS

JULIO DINIZ.

Passarinhos... passarinhos...
Aconchegados nos ninhos,
Lares de amor doce e brando
Pequeninos trovadores,
Entre as arvores e as flores
Cantando...
Cantando...

Crianças, anjos suaves,
Mimosos quaes bandos de aves,
Cortando um céu claro e lindo,
Assueenas perfumadas,
Com as petalas orvalhadas
Sorrindo...
Sorrindo...

O hymno terno de esperanças
Das aves e das crianças,
Vae com a luz se misturando,
Tecendo as horas serenas,
Das alegrias terrenas,
Sorrindo...
Cantando...

Tudo pois, em ascensão
Marcha no progresso incessante,
A' alvorada rutilante
Da sublime perfeição.

Segui pois, irmãos terrenos,
Nessas sendas luminosas,
Caminhae sempre serenos,
Entre lyrios, entre rosas;

Entre os lyrios da Bondade
Entre as rosas da Ternura,
Espargindo a caridade,
Consolando a desventura.

Só assim caminharemos
Nessa eterna evolução,
E no Bem conquistaremos
A suprema perfeição.

O MAU DISCIPULO

JOÃO DE DEUS

Era uma alma
Formosa e bella,
Fulgida estrella
De puro alvor,
Que habitava
Qual uma flor
O espaço infinito,
Immenso e lindo,
Nessas regiões,
Onde ha mansões
Purificadas,
Iluminadas
Do Creador.

Porém, um dia,
Disse Jesus
A quem vivia
Em meio á luz: —

“Filho querido,
Estremecido
Dos meus affectos,
Tu necessitas,
Buscar a Vida

Em meio ás vagas
Das provações!
Dentro das lutas,
Tredas disputas
Do Bem e do Mal,
E' que verei
Se o que ensinei
Ao teu valor,
Aproveitaste
E assimilaste
Em beneficio
Da lei do amor,
Do sacrificio!...
Tens a fraqueza,
Da imperfeição;
Aqui, porém,
Já te mostrei
A lei do amor,
Luz do Senhor,
O summo bem.

Tu lutarás,
Mas vencerás
Se bem souberes
Te conduzir,

Nesses caminhos
Entre prazeres,
Risos e flores,
Por entre espinhos,
Magoas e dores.
E se aprenderes
Saber viver,
Sorrir, soffrer,
Conquistarás
A grande paz,
A grande luz
Que eu, teu Jesus,
Reservarei
E hei de guardar
Para a tua alma
Ao regressar.

A dor somente,
A luta amara
Nos equipara
Para viver
Tranquillamente,
Nessas moradas
Illuminadas
Do nosso Pae!
Luta e trabalha
Singelamente,
Nessa batalha
Que te offereço
P'ra conquistares
A luz, o amor
Do teu Senhor.
Tu viverás
Entre os braços
Das illusões
Da Terra impura;

Conhecerás
Lindas riquezas,
Illuminando
E lhe ensinando
O bom caminho,
A boa estrada
E com carinho
Sempre mostrar-lhe
A caridade
Com toda a luz
Que ministrei
Ao teu pensar
E ora conduz
Teus sentimentos,
Teus pensamentos
A' perfeição
Do coração.

Caminha avante
Na deslumbrante,
Rota do amor!
Espalha o odor
Que já plantei
E fiz brotar,
Que cultivei
Dentro em teu ser.
Sê sempre amigo
Dos soffredores,
Dos que padecem
Sem conhecer
Sequer abrigo
Onde isolar-se,
Onde guardar-se
Das fortes dores
Que acometem
Os soffredores.

Sê a Bondade
Entre a maldade
Dos homens feros,
Ambiciosos,
Frios, austeros,
Peccaminosos.

Se assim fizeres
E procederes,
Sempre cumprindo
Os teus deveres,
Tornar-te-ás
Em verdadeiro,
Anjo da paz,
Em mensageiro
Do Deus de amor.
Assim darás
A' humanidade
O testemunho
Da caridade
Do teu Senhor!

A alma formosa
Então desceu
Para lutar,
A conquistar
Maior ventura,
Rutila e pura
Aqui no Ceu.

Então nasceu
Num lar ditoso,
Regio, faustoso,
Dos venturosos
Onde a alegria
Reinava e ria
Constantemente,

Proporcionando
A' rica gente
Que o habitava,
Os bellos gosos,
Lindos, formosos,
Mas irreaes,
Desses palacios
Materiaes.
Ainda creança
Era adorado,
Felicitado
Nessa abastança;
Naquelle lar
Rico aleagar
Dos abastados,
Elle então era
A primavera
Dos aureos sonhos
Dos paes amados!

Assim cresceu,
Bello, esplendeu
Na mocidade.
Ganhou saber
Nobilitante,
A' luz brilhante
Dessa sciencia
Que na existencia
Por planetaria,
Faz com que a alma
Torne-se egoista
E refractaria
A' lei de Deus.

Tornou-se esquivo,
Cruel e altivo

A' humanidade;
 Não praticando
 E renegando
 A caridade.
 O que aprendera
 No Infinito
 E promettera
 Ao bom Jesus,
 Tudo esquecera
 Em detrimento
 Do sentimento
 Que então trouxera
 Cheio de luz.
 Refugiu-se
 Na vã sciencia,
 Despreocupou-se
 Com a consciencia.
 Na Academia
 Dos homens sabios.
 Elle esplendeu
 No vão saber;
 O infeliz ser
 Viven dos labios,
 Seu coração
 Jamais viven!
 Foi uma flor
 Mas sem odor,
 Fulgiu, brilhou
 Mas renegou
 A lei do amor.
 E da existencia
 Da propria alma
 Elle escreveu
 A relegar,
 Como um atheu
 Filho do Mal,

A immensa luz
 Espiritual.
 Foi refractario
 Ao proprio affecto
 Dos paes que o amavam
 E idolatravam
 Com mór ternura,
 Delle esperando
 Sua ventura.
 Os proprios filhos,
 Suaves brilhos
 Da nossa vida,
 Nossa esperanza
 Encantadora,
 Os desprezou
 Somente amando,
 Sua sciencia
 Enganadora.
 Só procurou
 Brilhar, fulgir;
 Nunca buscou
 Assim cumprir
 Sua missão.

Sempre espalhou
 Em profusão,
 Suas ideias
 Tristonhas, feias
 Do atheismo
 Desventurado.
 Nunca estancou
 Uma só lagrima,
 Nunca pensou
 Uma ferida,
 Que brota n'alma

Desilludida,
 Não consolou
 O que soffria
 De quem fugia
 Sem compaixão.
 Enfim, viveu
 Só na sciencia,
 Nessa existencia
 Que passa breve!...
 O ingrato teve
 Mil occasiões
 De praticar
 Boas acções
 E espalhar
 O amor e a luz.
 Que o bom Jesus
 Lhe concedera;
 Mas, infeliz,
 Jamais o quiz.

Porém, um dia,
 A Parca fria,
 A morte amara,
 Cruel, avara
 E dolorosa,
 O arrebatara
 Nessa escabrosa
 Escura via,
 E o conduziu
 Para o Infinito
 Onde num grito,
 Elle acordou
 Do seu lethargo,
 O somno amargo
 Em que viveu.
 Ao descerrar

O negro veu
 Do esquecimento,
 Sentiu seus olhos
 Ennevoados,
 Tristes abrolhos
 No pensamento.
 Olhou o abysmo
 Do pessimismo
 Em que vivera
 Por onde sempre
 Se comprazera

Sentiu-se então
 Abandonado,
 Amargurado
 Na afflicção!
 Somente assim
 Dentro da dor
 Lembrou de Deus
 Do seu amor,
 A implorar
 Da luz dos ceus,
 Consolação!

Das profundezas
 Do coração,
 Intima voz
 Disse-lhe então: —

"O' mau discipulo,
 Em quem eu puz
 Todo o esplendor
 Da minha luz,
 Do meu amor!
 Tu te perdeste
 Por teu querer,

Pelo viver
Que demandaste.
Jamais soubeste
Te conduzir
E assim cumprir
O teu dever.
Por isso agora,
Minh'alma chora
Ao ver que és
Miserio ser.
Tu renegaste
E desprezaste
A inspiração
Do Deus de Amor!
Tua missão
Que era amar
E assim vibrar
A alheia dor,
Em luz perdida,
Foi convertida
Em fero braço
Esmagador.
O grande amor —
Fraternidade,
Que então devias
Entre alegrias
Offerecer
A' humanidade,
O abafaste
Como se fosse
Assaz mesquinho
Quando só elle
E' o caminho
Que nos conduz
A' salvação,
A' perfeição,

A' região
Da pura luz!

Sempre esqueceste
Os teus deveres.
Dos proprios seres
Que te adoravam,
Que mais et amavam,
Foste inimigo;
E até negaste
A existência
Da propria alma —
A consciencia.
Constantemente,
Continuamente
Foste um ingrato
E eu te julgara
Um lutador
Intemerato!..."

Calou-se a voz
E o pranto atroz
Jorrou então,
Do coração
Do miseravel
Ser exerravel,
Que não soubera
E nem quizera
Compreender
O seu dever.
Entre lamentos
E dissabores,
Padecimentos,
Frios horrores,
Elle chorou
E lamentou

Por muitos annos,
Seus desenganos,
Na senda triste,
Fatal, amara
Que elle trilhara
Na perdigão.
Envergonhado,
Espesinhado
Na sua queda,
Correu sosinho
O mundo inteiro,
Qual caminheiro
A quem negassem
Um só carinho.
Perambulou
Qual Ashaverus,
Soffren, clamou,
Suppliciado;
E muitas vezes
O seu olhar
Amargurado,
Triste pousou
Sobre o logar
Onde peceou.
A pobre mão
Sempre estendeu
Pedindo o pão,
Pedindo luz,
A lamentar
A sua cruz!
Jamais alguém
Quiz escuta-lo:
O mesmo bem
Que elle fizera
Assim lhe era
Retribuido.

E o pobre espirito
Desilludido,
Desanimado,
Desamparado
Só encontrava
Consolação
Nas lagrimas tristes
Que derramava
Em profusão.

Assim, um dia,
Em que soffria,
Mais padecia
A dor feroz
Cruel e atroz
A alma triste
E solitaria,
Exp'timentada,
Extenuada
No atro soffrer,
Cheia de uneção
Por entre prantos,
Formosos, santos,
Disse ao Senhor
Numa oração: —

"O' Mestre Amado,
Sei que hei peccado
E transgredido
As tuas leis,
Tendo commigo
A tua luz,
O' bom Jesus,
E mesmo assim
Eu me perdi
Por meu querer

Pois não cumpri
O meu dever!...
Fui a grilheta
Da impiedade,
Pobre calceta
Da iniquidade.
Mas tu que és bom
Tão justo e santo,
Sabes do pranto
Das minhas dores
No men viver
Sem luz, sem flores,
E has de acolher
Minha oração,
Cheia de fé!...
Dá-me o aculeo
Da expiação,
Para que seja
Exterminado
O meu orgulho.
O' dá-me agora
A nova aurora
De uma existência
De provação.
Quero soffrer
Dura pobreza,
Sempre viver
Na singeleza.
O meu desejo
E' só voltar
A' Terra impura,
Onde eu pequei,
Para offertar
A' creatura
O grande amor
Que lhe neguei.

Não quero ter
Nem um só dia
Dessa alegria
Que desfrutei
Mas só trazer
No coração,
Todo o amargor
Da privação.
Não quero ver
O dealbar
De uma esperança
O proprio lar
Onde se encontra
Maior ventura
Não quero ter,
Nunca possuir,
Para jamais
Eu conhecer
O que é sorrir!
Quero existir
Desconhecido
Incomprehendido,
Em minha dor;
Então serei
Ramo perdido,
Arido e secco
Pelo vergel
Enflorecido.
Conhecerei
A dor cruel
Que nos retálha
O coração.
Nessa batalha
Que emprehenderei.
Quero ganhar
E conquistar

A luz, o pão,
O agasalho,
Com meu trabalho.
Eu só almejo
Comprehensão
Para mostrar
O teu perdão,
Claro e sublime
Para o meu crime
O' bom Jesus,
O' Mestre Amado! —

Eu lutarei
E chorarei
Nas rijas dores
Mais inclementes,
Nos turbilhões
Incandescentes
Das amarguras,
Cruéis e duras
Das afflicções.
Agora vejo
Que na existencia,
A gran-sciencia
Só é grandiosa,
Só é formosa
Quando alliada
Da caridade,
O puro amor.
Quero com ardor
Bem conquistar
A perfeição!
Serei portanto,
Neste planeta
Como a violeta
Sob a folhagem...

Viver somente
Pela voragem
Das desventuras.
Quero soffrer
Com humildade
E sempre ter
Em mim, bondade,
Feliz dulcor.
Da caridade!..."

E o Mestre Amado
Compadecido
Do pobre espirito
Dilacerado,
Emfim, perdido,
Deu-lhe o perdão,
A permissão
Para voltar
A' antiga arena —
Luta terrena,
Offerecendo-lhe
Occasão
Para tornar-se
Mais venturoso
E sempre digno
Do seu perdão.

Seja bendito
Pelo infinito.
Desenrolar
E perpassar
De toda idade
O bom Jesus
Que com sua luz,
E terno amor
Escuta a prece

De quem padece,
Fazendo assim
Desabrochar
O dealbar
Das alvoradas
Illuminadas,
De muitas vidas,

Bellas, queridas
Para lutarmos
E nos tornarmos
Dignos do Amor
Inegualavel,
Incomparavel,
Do Creador!

VERSÃO DO PSALMO 18

SOUZA CALDAS.

Por toda a parte
Veja a creatura,
Na noite escura,
Da sua dor,
A eterna forga
De um Deus elemente,
Omnipotente,
Cheio de amor.
Astros e mundos
No ceu girando,
Aves cantando,
O mar e a flor,
Todos os seres
Hymnos entoem,
Cantos resoem
Ao Creador!
Eterno Artifice
Que os sóes modela,
Lustres da aureola
Da Creação;
Sois a bondade,
A mais perfeita,
A Luz Eleita,
A salvação.

Doez refugio
Dos desgraçados,
Aos meus peccados
Muitos que são;
Imploro e clamo
Com o meu esp'rito
Turbado e afflicto
Vosso perdão.
Que desprezei
O ouro brilhante,
Lindo e faiscante,
Bem sei, Senhor!
Como fugi
Da hora fugace
Que me afastasse
Do vosso amor!
Mas bem sabeis
Que a carne impura,
Leva a creatura
A mais peccar;
Fazendo assim
P'ra meu tormento,
Meu pensamento,
Prevaricar.

HORA EXTREMA

AUTA DE SOUZA.

Quando exhalei meus ultimos alentos
Neste mundo de maguas e de dores,
Senti meu ser fugindo aos amargores
Dos meus dias tristonhos e nevoentos.

A tortura dos ultimos momentos
Era o fim dos meus sonhos promissores,
Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,
Que se extinguia em átros soffrimentos.

Senti, porém, minh'alma soffredora,
Mergulhada nas brisas de uma aurora
Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,
Em demanda da estrada esplendorosa
Que nos conduz ás plagas da harmonia!

NA ESTRADA DE DAMASCO

JOÃO DE DEUS.

Num certo dia
A Ambição
De parceria
Com o Orgulho
Chamou o homem
Jactancioso
E tão cioso
Do seu poder
E vão saber
E lhe disseram: —

"Homem, tu és,
Senhor potente
Grande e valente
Aqui no mundo!
E se quizeres
Tornar-te um rei
Da immensa grei
Da criação,
E' só viveres
A procurar
Mais dominar
Os elementos
A transudár
Nos sentimentos.

Maior coragem,
Para ganhares,
Sempre vantagem
No teu viver
E conquistares
Sempre o poder
Dos triumphantes.
Aos semelhantes
Em vez de ama-los
Taes como irmãos
Faze-os vassallos
No teu reinado
Glorificado
De gran-senhor!"

E o peccador,
Ser imperfecto,
Se achasse embora,
A seu agrado
Bem satisfeito
Foi sem demora
Então chamado
Por um juiz
De rectidão,
Que é a consciencia!

Nesta existencia,
De provação
Que então lhe diz: —

“Mas, e o bom Deus
Que está nos cens,
Que tudo vê,
Sabendo assim
Quanto a tua alma
Delle, descreê?
Elle é o teu Pac,
O Creador,
O Deus de amor.
E o bom Jesus,
Nosso Senhor,
Mestre da luz,
O Filho amado
Que á Terra veio
A este mundo
Ingrato e feio
A redimir
E assim banir
O teu peccado?
Elle te amou
E te ensinou
Que ao teu irmão
Tu deves dar
Nunca negar
A tua mão;
E espalhar
Somente amor,
A relegar
Toda a maldade,
Para que um dia
Te fosse dado,
Reconhecer

Com alegria,
O solo amado,
Do eldorado
Dos bellos sonhos
Lindos, risinhos,
Do teu viver.
Assim, procura,
Melhor ventura,
Em só buscar,
Acompanhar,
Seguir Jesus,
Em sua dor,
Em seu amor,
Em sua cruz!”

Mas o tal homem
Tão orgulhoso
Que já se achava
Bem poderoso,
Achou extranho
Esse conselho.
Rigor tamanho
Não poderia,
Isso seria
Obedecer
E se humilhar;
E elle havia
Aqui nascido,
Só para ser
Obedecido,
Tendo o poder
P’ra dominar.
Assim buseou
E perguntou
Aos companheiros;
Elles então

Lhe responderam
No mais profundo
Do coração: —

— “Esse conselho
E’ muito velho!
Deus é irrisão,
E o tal Jesus
Com sua cruz
E seu calvario,
Somente foi
Um visionario.
Enquanto elle
Só te offerece
Amargas dores,
Desolações,
Tristes agruras,
Crueis espinhos,
Nós concedemos
Ao teu valor
De gran-senhor,
Sublimes flores,
Lindos braços,
Grandes venturas
Nesses caminhos.”

Quem mais souber
Gosar e rir,
Mais saberá
O que é existir.
A vida aqui,
Só é formosa,
Para quem gosa,
E pois assim
Vale o gosar
Constantemente.

Pois vindo a Pareia
Bem de repente
Ha de levar
Esse teu sonho
De amar, soffrer,
Ao chaos medonho
Do mais não ser;
Porque a morte
Tão renegada
Ella é apenas
O frio nada.
O louco amor
Do teu Jesus,
Exprime a dor
E não a luz.”
E assim quando
O homem fraco
E miserando
Mais se julgou
E se jactou
Omnipotente,
Chegou a Dor
Humildemente,
A lapidaria,
A eterna obreira,
A mensageira
Da perfeição
Nessa officina,
Grande e divina
Da Creação;
Fe-lo abatido
E desolado,
Até enojado
Do corpo seu;
Apodreceu
O seu thesouro

E o homem-rei
Reconheceu
Que o paraíso
Dos seus prazeres,
Vive nas luzes
Só da virtude,
No cumprimento
Dos seus deveres;
Na humildade,
Na caridade,
Na mansuetude,
Na submissão
Do coração
Ao soffrimento,
Quando aprouver
Ao Deus de Amor
Offerecer
Rude amargor
Ao nosso ser.

Depois então
De mui soffrer
E padecer
Na expiação,
Reconheceu
A nullidade,
A fadiga
Da vil materia.

Na atroz miséria
Dessa agonia,
Só procurou
Buscar se via,
Os seus mentores
Enganadores,

Altivos filhos
Da veleidade.
Só encontrou
O juiz recto,
O Magistrado
Incorruptivel
Da consciencia
E que num brado
Indescriptivel,
Em consequencia
Fez-lhe com ardor
Ao coração
Ermo de affecto,
Ermo de amor,
A mais tremenda
Accusação!

E' o que acontece
Em toda a idade,
Com a maioria
Da humanidade:
Pois sempre esquece
Os seus deveres
E se submerge
Nos vãos prazeres,
Para a alegria
Triste converge
O seu viver
Para o enganoso,
Ephemero gozo
Do material
A esquecer
Tudo o que seja
Espiritual
Feliz de quem
Ahi procura

Maior ventura
No summo bem;
Porque verá,
Contemplará

Todo o esplendor,
A eterna luz,
Do eterno amor
Do bom Jesus.

NUMERO INFINITO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Systoles e diastoles derradeiras
No hirtó peito, rígido e gelado;
E eu via o Ultimo Numero extenuado,
Estertorando sobre as montureiras.

Interregno. Escuridão, ancia e inferneiras.
Depois o ar, o oxygenio etherisado
E depois do oxygenio o illimitado,
Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a ultima visão das vistas foseas,
O Derradeiro Numero entre as moscas,
A' camada tellurica adstrieto;

E eu, victima ductil da desgraça,
Vi que cada minuto que se passa
E' nova luz do Numero Infinito.

PARNASO D'ALEM TUMULO

JOÃO DE DEUS.

Além do tumulo o espirito inda canta
Seus ideaes de paz, de amor e luz,
No ditoso paiz onde Jesus
Impera com bondade saerosanta.

Nessas mansões a lyra se levanta
Glorificando o Amor que em Deus transluz,
Para o Bem exaltar, que nos conduz
A' divina alegria, pura e santa.

Dessa Castalia eterna da Harmonia
Transborda a luz excelsa da Poesia,
Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hymnos das esperanças espargidos
Sobre os homens, tornando-os mais midos
Na ascensão para o Bello e para o Amor.